

TRADUÇÃO DO CONTO DE FRANZ KAFKA “DER JÄGER GRACHUS”¹: O CAÇADOR GRACO

Diana Martins²

dscmartins@gmail.com

Isabel Santos

Isa_s1980@hotmail.com

José Santos

josecrsantos@netcabo.pt

Rodolfo Lima

rodolfo.lf.lima@gmail.com

Portugal

Dois rapazes estavam sentados no paredão do cais a jogar dados. Um homem lia o jornal sentado à sombra da estátua de um herói brandindo um sabre. Uma rapariga enchia o cântaro de água na fonte. Um vendedor de fruta estava deitado ao lado da mercadoria a olhar para o lago. Pelas frinchas da porta e da janela de uma taberna, viam-se, ao fundo, dois homens a beber vinho. O taberneiro estava sentado numa mesa à frente, a dormir. Uma barca aproximava-se silenciosamente do pequeno porto, pairando como que suspensa sobre a água. Um homem de camisa azul saltou para terra e atou as amarras às argolas do cais. Atrás do barqueiro, dois homens de casaco escuro com botões prateados trouxeram uma padiola na qual, ao que parecia, estava uma pessoa coberta por um grande lenço de seda florido com franjas.

No cais ninguém se preocupou com os recém-chegados, mesmo quando eles pousaram a padiola, para esperar pelo barqueiro, que ainda estava a mexer nas

¹ in Weise, Benno von (ed.)(1977), *Deutschland Erzählt*, Frankfurt am Main: Fischer, pp.63-67.

² Alunos de Tradução de Textos Literários (Alemão-Português) do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas do ISCAP.

amarras; ninguém se aproximou, ninguém lhes dirigiu a palavra, ninguém lhes deu atenção.

O barqueiro ainda se demorou um pouco com uma mulher que apareceu no convés, com uma criança ao peito e os cabelos soltos. Até que veio para terra e apontou para uma casa amarelada com dois andares que se erguia à esquerda perto da água; os homens voltaram a pegar na padiola e passaram pelo portão baixo, ladeado de colunas esguias. Um rapazinho abriu uma janela, viu que o grupo entrou em casa e fechou rapidamente a janela. Também o portão foi então fechado; era cuidadosamente trabalhado em madeira de carvalho. Um bando de pombas, que até então tinha andado a voar à volta do campanário, pousou à frente da casa. As pombas juntaram-se à frente do portão, como que à espera de comida. Uma voou para o primeiro andar e deu umas bicadas no vidro da janela. Eram animais de cor clara, bem tratados e cheios de vida. Com um largo movimento de braço, a mulher da barca lançou-lhes milho de longe, as pombas comeram-no e levantaram voo na sua direcção.

Um senhor de cartola com um fumo preto na manga, desceu uma das pequenas vielas estreitas e íngremes que iam dar ao porto. Com um ar preocupado, olhou atentamente à sua volta, e fez uma cara de nojo ao ver lixo num canto. Junto à estátua havia cascas de fruta e ele, ao passar, empurrou-as com a bengala para baixo da estátua. Bateu à porta da casa e, ao mesmo tempo, de luva preta calçada, tirou a cartola com a mão direita. De imediato a porta abriu-se e cerca de cinquenta rapazinhos abriram caminho ao longo do corredor e fizeram vénia.

O barqueiro desceu as escadas, cumprimentou o senhor, convidou-o a subir e no primeiro andar deu uma volta com ele pelo pátio rodeado por varandins delicadamente trabalhados. Ambos entraram numa sala grande e fresca, em frente à qual não se via nenhuma outra casa, somente um muro de pedra liso e cinzento-escuro, enquanto os rapazes, em respeitosa distância, se acotovelavam. Os homens estavam ocupados a colocar e a acender algumas velas à cabeceira da padiola, mas não se fez luz, apenas sombras que já existiam foram aparentemente afugentadas e

nas paredes só se viu um tremeluzir. Tiraram o lenço da padiola. Lá jazia um homem com cabelo e barba completamente emaranhados, pele tsnada e aspecto de caçador. Jazia imóvel, aparentemente sem respirar e com os olhos fechados; apesar disso, só a atmosfera indicava que talvez de um morto se tratasse.

O senhor de cartola aproximou-se da padiola, pousou uma mão na testa do homem, ajoelhou-se e começou a rezar. O barqueiro, com um gesto, indicou aos homens da padiola que saíssem, eles saíram e fecharam a porta, afastando os rapazes que se tinham juntado do lado de fora. Mas o senhor de cartola pareceu ainda não estar satisfeito com o silêncio que se fez; olhou para o barqueiro, este compreendeu e saiu pela porta lateral para o quarto ao lado. Imediatamente o homem deitado na padiola abriu os olhos, virou-se para o senhor com um sorriso sofrido e disse “Quem és tu?” - O senhor levantou-se sem qualquer surpresa e respondeu “O Burgomestre de Riva”.

O homem deitado na padiola acenou com a cabeça, com um gesto fraco de braço, apontou para uma poltrona e, depois de o Burgomestre ter aceite o convite, disse: “Eu já sabia, senhor Burgomestre, mas num primeiro instante esqueci-me de tudo, tenho a cabeça à roda, é sempre melhor perguntar mesmo sabendo tudo. Também o senhor provavelmente sabe que eu sou o caçador Graco.”

“Com certeza”, disse o Burgomestre. “Anunciaram-me que você viria esta noite, já estávamos a dormir há algum tempo. Então a minha mulher, por volta da meia-noite, chamou ‘Salvatore’, – é o meu nome – ‘olha a pomba na janela!’ Era realmente uma pomba, mas gorda como uma galinha. Aproximou-se do meu ouvido e disse: ‘Amanhã chega o defunto caçador Graco, recebe-o em nome da cidade.’”

O caçador assentiu e passou a língua pelos lábios: “ Pois, as pombas precedem-me sempre. Acha, no entanto, senhor Burgomestre, que eu deva ficar em Riva?”

“Isso ainda não lhe posso dizer”, respondeu o Burgomestre. “O Senhor está morto?”

“Sim”, disse o caçador, “como pode ver. Há muitos anos, mas deve ter sido mesmo há muitos anos, caí de um penhasco na Floresta Negra – que é na Alemanha – quando perseguia um gamo. Desde então estou morto.”

“Mas também está vivo”, disse o Burgomestre.

“De certo modo”, disse o caçador, “de certo modo também estou vivo. A minha barca da morte não chegou ao seu destino, um movimento errado do leme, um momento de distração do barqueiro, um desvio pela minha maravilhosa terra natal, não sei o que terá sido, só sei que fiquei na Terra e que a minha barca desde então percorre as águas terrenas. Assim eu, que só queria viver nas minhas montanhas, ando a viajar por todas as terras do mundo depois da minha morte.”

“E não tem lugar no Além?” perguntou o Burgomestre franzindo a testa.

“Eu ainda estou”, respondeu o caçador, “na grande escada que nos leva para o Além. Ando às voltas nesta infinita escada, ora para cima, ora para baixo, ora para a esquerda, ora para a direita, sempre em movimento. O caçador tornou-se uma borboleta. Não se ria.”

“Não me estou a rir”, retorquiu o Burgomestre.

“Muito sensato da sua parte”, disse o caçador. “Eu ando sempre em movimento. Mas se sinto um grande impulso e se o portão lá de cima já brilha, desperto na minha velha barca encalhada algures nas desérticas águas terrenas. O erro fundamental da minha morte rodeia a minha cabine com um sorriso de escárnio. Julia, a mulher do barqueiro, bate à porta da cabine e leva-me a bebida matinal da terra onde nos encontramos. Durmo num catre de madeira, com uma mortalha suja – o que não é nada agradável de se ver –, o cabelo e a barba grisalhos, completamente emaranhados, as minhas pernas estão cobertas por um grande e feminino lenço de seda florido e esfarrapado. À minha cabeceira está uma vela de igreja que me alumia. Na parede à minha frente está uma pequena imagem, supostamente de um bosquímano, que aponta uma lança para mim e se protege atrás de um escudo com pinturas exuberantes. Nos barcos uma pessoa encontra representações muito absurdas, mas esta é das mais absurdas que já vi. Para além

disso, a minha gaiola de madeira está completamente vazia. Através de uma escotilha entra o ar quente das noites do Sul, e ouço o bater da água contra a velha barca.

Para aqui estou, deitado, desde o momento em que eu, o caçador Graco, estando ainda vivo, perseguia um gamo na Floresta Negra e caí. Tudo seguiu a sua ordem. Eu perseguia o gamo, caí, esvai-me em sangue num desfiladeiro, morri, e esta barca deveria levar-me para o Além. Ainda me lembro de como estava contente quando me deitei pela primeira vez neste catre. Nunca antes tinham as montanhas ouvido um cântico meu tão alegre, como o que ecoou naquelas quatro paredes crepusculares.

Tinha gostado de viver e de morrer; de bom grado deitei fora, antes de embarcar, a minha trouxa com uma lata, uma bolsa e uma arma de caça, que transportava sempre com orgulho, e enfei-me na mortalha como uma menina no vestido de casamento. Para aqui fiquei deitado à espera. Foi então que se deu o infortúnio.”

“Que má sorte!”, disse o Burgomestre, erguendo a mão num gesto defensivo. “E não tem qualquer sentimento de culpa?”

“Nenhum”. Respondeu, “Fui caçador, deveria sentir alguma culpa por isso? Trabalhava como caçador na Floresta Negra, quando ainda havia lobos. Punha-me à espreita, disparava, acertava, esfolava o animal, deveria sentir alguma culpa por isso? O meu trabalho era abençoado. Chamavam-me ‘O grande caçador da Floresta Negra’. Deveria sentir culpa por isso?”

“Não me cabe a mim responder”, disse o Burgomestre, “no entanto, também não me parece que tenha culpa. Mas então de quem será a culpa?”

“Do barqueiro”, disse o caçador. “Ninguém lerá o que eu escrevo, ninguém virá ajudar-me; se ajudar-me fosse obrigatório, as portas de todas as casas ficariam fechadas, as janelas também, todos se meteriam na cama tapados até à cabeça com os cobertores, toda a terra pareceria um albergue nocturno. E faz sentido, porque ninguém sabe de mim, e se soubesse de mim, não saberia do meu paradeiro, e se

soubesse do meu paradeiro, não saberia como me manter lá, e portanto não me saberia ajudar. A ideia de me querer ajudar é uma doença que tem de ser curada na cama.

Sei disso, e portanto não grito por ajuda, mesmo quando por momentos – descontrolado como estou por exemplo agora – penso no assunto. Mas, para afastar esses pensamentos, basta que olhe à minha volta para me aperceber de onde estou e – talvez o possa afirmar – onde há séculos vivo.

“Extraordinário”, disse o Burgomestre, “extraordinário. – E agora? Faz tenções de ficar connosco em Riva?”

“Eu não faço tenções de nada”, disse o caçador sorrindo, e, para não ser levado a mal, pousou a mão no joelho do Burgomestre.

“Eu estou aqui, mais do que isto não sei, mais do que isto não posso fazer. A minha barca está sem leme, anda ao gosto do vento que sopra nas zonas mais profundas da morte.”